

UM JARDIM PARA EDUCAR AS BESTAS – ONDE SILÊNCIO É GRITO

Por Felipe de Menezes¹

Um quarteto de artistas, formados por professores e pesquisadores do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, resolveram aliar os trabalhos burocráticos da universidade à prática cênica. Não é comum vermos professores de escolas de teatro se agrupando, em coletivos artísticos, para montar um espetáculo. Contudo, na Unicamp, essa prática não começou agora, remonta desde os primeiros tempos da criação do Departamento de Artes Cênicas. E isso se estende ao alunado: se tornou comum conhecermos ex-alunos e alunas egressos desta instituição que se juntaram em bandos para criação de seus projetos, alguns deles, inclusive, com a presença de professores. Nos anos 90, em Piracicaba, cidade onde me formei artisticamente, alguns professores da Unicamp à época, criaram, dentro de uma espécie de programa de extensão universitária, a CETA (Companhia Estável de Teatro Amador), ainda existente na cidade, figurando como um bom exemplo de política pública.

Daniele Sampaio, Isa Kopelman, Marcelo Onofri e Eduardo Okamoto são os artistas criadores de *Um jardim para educar as bestas*, apresentado na noite de 3 de setembro de 2023, no palco do Teatro Municipal de São José dos Campos, durante o 37º Festivale. O mote e detonador do espetáculo foi a leitura do conto intitulado *Lenda do Oleiro Saburo e da Senhora Fuyu*, de Valter Hugo Mae, que está no livro *Homens Imprudentemente Poéticos*. Na adaptação – e tradução – para as brasilidades, optou-se pelo ecossistema do sertão nordestino, com personagens e figuras míticas que codificam nossas experiências territoriais, como é o caso da Onça Caetana. A educação pela pedra é o que anseia Seu Inhês ao construir seu jardim para um

¹ Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

propósito um tanto incomum. E, inevitavelmente, nos leva a pensar: haveria outras funções para um viridário?

Um jardim para educar as bestas é uma obra composta por sons e imagens metafóricas sofisticadas, complexas e, incrivelmente, simples. Tocados sensivelmente pela obra, espectadores que ficaram para o bate papo após a apresentação da peça, testemunharam e relataram um profundo estado de conexão com a cosmogonia apresentada. Olhares delicados deram conta de demonstrar o quanto a obra toca as pessoas pelo que ela é. Muito se falou, durante a conversa após a apresentação, dos sentidos e significados pessoais do silêncio – muito embora, o silêncio não é o da forma e do conteúdo em cena; muito pelo contrário, no palco há um piano de calda e cordas sendo executado brilhantemente, além de danças, gestos, poéticas sonoras e imagéticas que cumprem o tempo todo uma função narrativa. Se há silêncio, ele está na capacidade do trabalho em provocar, em nós, os sentidos do mesmo - não à toa, a linguística, enquanto ciência, investiga o silêncio na ordem dos discursos. Por fim, *Um jardim para educar as bestas*, a sua maneira, também é um grito (difícil de sair).

A criação de um espaço de profunda conexão espiritual e onírico, com a plateia, demonstra, mais uma vez, as habilidades de Eduardo Okamoto como atuador. Sua codificação gestual aliançadas, agora, com as múltiplas sonoridades de Marcelo Onofri, tecem, com capricho e esmero, todo o material cênico. Okamoto é um artista que tem presença marcante em festivais pelos interiores do país – razão pela qual é bastante querido por onde passa.

Por fim, o espetáculo alcança a grandeza de propor uma alternativa àquilo e àqueles que tentam insistentemente nos destruir como naquele caso, em 1971, quando Fernando Arrabal escreveu uma carta ao seu algoz, o Generalíssimo Franco, em que diz, lá pelas tantas, ao ditador: “você também merece ser salvo, ser feliz”.

Talvez, precisemos mesmo construir jardins para que as nossas bestas se amansem ou descansem eternamente em berços esplêndidos. Quem sabe, assim, descansemos de tantas violências (necropolíticas).